

Professores como fonte de inspiração

Fui aluna da professora Renata Francis no 2º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral (CEIAA) do curso de formação de professores em 2014. E, mesmo ainda não entendendo muito bem na época a respeito da importância da representatividade, lembro que tive uma identificação com a Profa. Renata Francis, logo de cara. Foram trocas e aprendizados que marcaram a minha formação, mesmo no curto período em que ela deu aula no CEIAA, foi o suficiente para ser uma educadora que tenho um carinho especial, uma fonte de inspiração que mantenho contato até hoje, mesmo que virtualmente.



Fonte: arquivo pessoal com registro no encerramento do ano letivo com a Professora Renata da disciplina de didática da Educação Infantil.

Uma prática docente que me marcou muito foi uma oficina de turbante, onde o mesmo “Não é um lacinho! Não é uma modinha! Não é uma faixinha!” segundo a Profa Renata. Turbante é ancestralidade,

memória, resistência, corporeidade, ludicidade, poder! É sobre as histórias que nos constituem! É sobre o corpo negro como espelho e referencial de beleza! É cumprimento das Leis 10639/11645, apresentar às crianças referenciais diversos de beleza! Dizer e colocar as meninas negras como protagonistas de seus processos e oferecer repertório de empoderamento para que construam uma imagem positiva de si mesmas.

Trazido para o Brasil por nossas e nossos ancestrais: muitas/os delas/es rainhas, reis, princesas e príncipes no continente africano, o turbante resistiu nas cabeças das mulheres negras, reafirmando sua etnia. Cada menina experimentou o tecido e criou sua própria amarração. Todas ficaram maravilhosas! Foi uma prática inesquecível no meu tempo de CEIAA.



Fonte: Arquivo pessoal de oficina de turbante, em uma conversa com as crianças sobre reis e rainhas, príncipes e princesas dos reinos africanos.

Atualmente, acompanho o trabalho dela pelas redes sociais com os seus alunos da rede municipal do Rio de Janeiro, com a perspectiva da ancestralidade e da educação antirracista como sua prática na sala de aula, bem como palestras/formação com outros educadores. E ela também tem sua loja de afroempreendedorismo com amplo repertório de empoderamento com: cadernos, planners, calendário, giz cores de peles,

caneca, copos, garrafas, estojos, necessários, mochilas, lancheiras, bolsas, jogos pedagógicos e bonecas.



Fonte: Imagem de divulgação da loja @Orabolas nas redes sociais

REFERÊNCIAS:

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas.** In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (orgs.). Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

SILVA, F. C. **Currículos praticados pensados nos cotidianos da EJA: condições e procedimentos de tradução.** Rev. Espaço do Currículo, João Pessoa, v.12, n.2, p. 299-308, maio/ago. 2019.

Sobre a autora:

Sou Juliana Campos, tenho 24 anos, estou no 6º período (teoricamente) de pedagogia na UERJ. Sou canceriana, com ascendente em áries, amo bater perna, estar em contato com a natureza e sonho em conhecer muitos lugares. Atualmente trabalho como assistente de sala em uma escola particular, após ter passado na mesma, pela secretaria, inspetoria, comecei no meio do ano passado nessa nova experiência em sala de aula.